

MUCUNGURENHE ENTREGA-SE COM A SUA ARMA

Notícias 16/1/84

Texto e fotos de Marcelino Alves para a AIM

Nos últimos três meses aumentou significativamente o número de bandidos que se entregam às autoridades militares moçambicanas, com as suas armas. Uma fonte ligada ao Exército Moçambicano disse que isso se deve sobretudo à ofensiva desencadeada pelas Forças Armadas em todas as províncias afectadas pelo banditismo armado. Com efeito, durante o ano de 1983, mas mais intensamente a partir de Setembro, as Forças Armadas de Moçambique (FPLM) ocupam progressivamente a floresta, reduzindo o campo de manobra do inimigo.

Em Chimioio, a nossa Reportagem contactou com alguns dos bandidos que, recentemente, se aprasentaram com as suas armas às autoridades militares.

Uma das histórias mais interessantes é, sem dúvida, a de Fernando Mucungurenhe, um professor primário que se tornou secretário de um chefe de um dos acampamentos dos bandidos armados, situado na Província de Manica.

Mucungurenhe, que aparenta ter 23 anos de idade, nasceu na localidade da Dacata, em Mussorize. Fez a

dormir sentado por falta de espaço para se deitar.

Durante esse tempo apenas fazia a limpeza do acampamento. No mês seguinte levaram-no em direcção a Sussundenga. Andávamos sempre de noite e acabámos por chegar a outro acampamento em Muculi.

Mucungurenhe e outros jovens raptados ficaram ali detidos algumas semanas, vigiados por um grupo de cerca de 50 bandidos armados. Seguiram depois para outro acampamento junto ao rio Revueú, onde permaneceram alguns dias.

Continuaram a caminhada, atravessaram o rio Lucite, afluente do rio Búzi — até atingirem Chinhica, o acampamento mais importante dos handoloiros na Província de Manica, comandado por um tal Francisco, substituído depois por um bandido que dava pelo nome de José Mabaji. Estavam lá muitos outros prisioneiros que os bandidos mencionavam treinar e armar. Eram sobretudo camponeses e a idade deles oscilava entre os 15 e os 45 anos.

— Fiquei ali detido até Maio de 1983 — continuou Mucungurenhe — Nesse mês chamaram-me e treinaram-me durante três semanas.

O treino consistia em marchas, ginástica militar, montar e desmontar armas, e lições rudimentares de tiro. O treino de Mucungurenhe foi mais curto e intensivo que o habitual, pois os bandidos disseram-lhe que tinham pressa em colocá-lo como secretário do chefe de um acampamento próximo que servia de posto avançado, de protecção a Chinhica.

— Em fins de Maio, cerca de 50 elementos armados acompanharam-me até ao posto avançado de Messingazi, situado mais a Norte. Quando lá cheguei, deram-me uma arma e a tarefa de receber mensagens e lê-las ao chefe.

Mucungurenhe disse que tinha também de escrever tudo o que lhe era ditado pelo chefe de Messingazi, conhecido por Binhaqueumbo, um alfabeto com muita dificuldade em expressar-se em português.

As mensagens via rádio eram recebidas de outros postos mais pequenos e enviadas para o acampamento de Chinhica. Este centro interno de coordenação do banditismo na Província de Manica, foi completamente destruído pelas FPLM em princípios do mês passado.

Segundo Mucungurenhe, este centro era simultaneamente um dos elos mais importantes de ligação directa com a África do Sul, facto que foi confirmado por uma fonte militar moçambicana.

Ele disse ter conhecimento que os sul-africanos tinham lançado ali, de para-quadras, armas, munições, medicamentos e equipamento militar diverso.

No assalto das tropas moçambicanas a Chinhica, um dos mais bem sucedidos, devido à surpresa completa com que apanharam os bandidos, capturou-se mais de cinco toneladas de armamento e outro equipamento militar. Na foto pode ver-se uma pequena parte desse material, que as autoridades militares do Chimioio mostraram a este repórter.

De Chinhica e dos seus postos avançados, todos eles também destruídos, partiam acções dos bandidos sobre a estrada nacional Beira/Maputo, sobre a linha férrea, estrada, e conduta de combustível da Beira para o Zimbabwe, e ainda sobre as linhas de alta tensão Revueú/Beira, além dos ataques a aldeias, escolas, lojas, machambas, etc.

Devido à intensa actividade operacional das FPLM, a estrada Beira/Maputo é praticamente inviolada desde há um ano e os bandidos armados estão a reduzir significativamente a sua actividade nas outras vias de comunicação e sobre os pontos de interesse económico ou social, situados naquela zona.

rio Pungoé, que subiu até Mavonde.

Ali seguiu a fronteira com o Zimbabwe, para sair no distrito de Manica. Entrou na Aldeia Comunal de Forte Macequese no dia 11 de Outubro, uma terça-feira. Tinha caminhado pelo mato durante 13 dias.

Antes de entrar na aldeia escondeu a arma. Falou depois com um camponês, que o conhecia, a quem pediu que o levasse à presença das Forças moçambicanas, para se entregar.

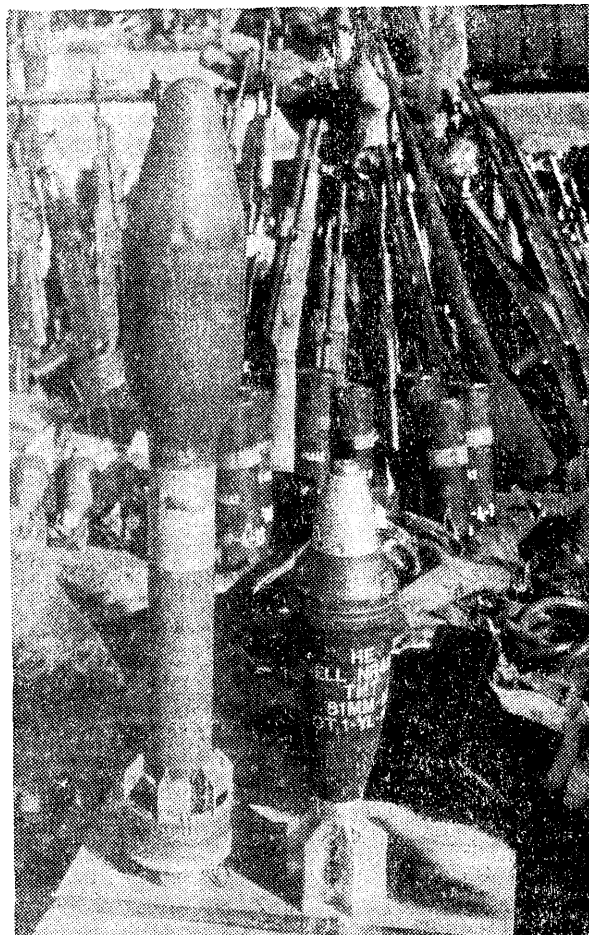
Depois de terem recolhido a arma, as munições e os documentos que ele tinha escondido fora da aldeia, as tropas moçambicanas escoltaram-no até Manica e dali seguiu para Gondola, uma vila situada a cerca de 15 quilómetros da cidade de Chimioio.

Fernando Mucungurenhe diz ter sido tratado correctamente desde o princípio, apesar da natural desconfiança inicial. Já me disseram que vou ser reintegrado novamente como professor, acrescentou ele. Mucungurenhe vai assim beneficiar do perdão anunciado pelo Presidente da República na mensagem do fim-de-ano. Esse perdão abrange todos os bandidos que se entreguem às autoridades moçambicanas com as suas armas.

Falámos ainda com dois camponeses que também se entregaram recentemente às Forças Armadas e contaram-nos a sua história que, no essen-



Após um ano com os bandidos armados, Fernando Mucungurenhe, entregou-se às FPLM, juntamente com a arma de que era portador



Parte do material bélico capturado pelas nossas Forças aos bandos armados

tamente informações sobre a zona, enquanto esperava uma oportunidade para fugir. Nesse dia, tomou banho, vestiu-se, pegou na arma e na pasta

onde guardava os documentos que redigia para o chefe e declarou aos sentinelas que tinha de ir ter com ele à população. Teve sorte, conseguindo que ninguém o acompanhasse. Tomou então o caminho da população e depois desviou-se em direcção ao

cial, não é muito diferente da de Mucungurenhe.

Um deles, Jossias Chigondo, alegou no entanto, que os seus tratos recebidos, a fome e a dureza de vida imposta aos bandidos armados pela ofensiva das FPLM tinha sido determinante para a sua fuga, apesar de saber que os bandidos o matariam se fosse apanhado a fugir.